



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENATA RUEL XAVIER DE BRITO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Renata Ruel Xavier de Brito

**Entrevistador:** Igor Chagas Monteiro

**Local da entrevista:** Juiz de Fora (por skype)

**Data da entrevista:** 22/04/2014

**Processamento da Entrevista:** Igor Chagas Monteiro

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Número da entrevista:** E-754

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2016

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **Sumário**

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Mineira de Futebol; ConFederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Copa do Mundo de Futebol Feminino: Copa Algarve; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 22 de abril de 2014. Entrevista com Renata Ruel Xavier de Brito a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

R.B. – Não, nenhuma.

I.M. – O que te levou a arbitragem no futebol?

R.B. – O que me levou foi a minha família, a maioria da família são homens, não é? E são todos apaixonados por futebol. E essa paixão deles pelo futebol fez eu me apaixonar também. E aí eu queria estar no meio, eu queria estar dentro do futebol e me identifiquei para atuar como árbitra para poder participar desse mundo maravilhoso que é o futebol.

I.M. – Quando você começou a arbitrar?

R.B. – Eu comecei em 2005. Eu fiz o curso da Federação em 2004 e em 2004 eu comecei a atuar pelo Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo em partidas como 4<sup>a</sup> árbitra. Em 2005 eu comecei a atuar no amador pelo Sindicato também e, em 2006 pela Federação.

I.M. – Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

R.B. – Nossa, a arbitragem, para você ficar na arbitragem, você não pode nem gostar você tem que ser apaixonada, amar, tem que ser algo assim, um sentimento de outro mundo. Então eu comecei a fazer o curso, comecei a me apaixonar, comecei a me dedicar. E a paixão, o amor que eu tenho pela arbitragem hoje, mesmo eu sendo formada em outras áreas com graduação, nada se compara ao amor, ao que eu sinto quando eu estou atuando como árbitra assistente, quando eu estou envolvida com a arbitragem de futebol.

I.M. – Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem?

R.B. – O meu processo de atuação foi: eu fiz o curso de árbitro de futebol, em 2004, na Federação Paulista de Futebol, depois disso eu me filiei ao Sindicato dos Árbitros, comecei a atuar pelo Sindicato e em seguida, 2006, comecei a atuar pela Federação como estágio, não é? Nós fazíamos estágio. Aí entramos para o quadro de árbitros e você vai galgando, vai começando pelas categorias de base, sub-15, sub-17, o feminino, até você chegar no profissional e ir subindo cada vez mais, dentro do possível.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

R.B. – Olha, eu acho que nós já tínhamos algumas mulheres que já tinham quebrado grandes barreiras, não é? Temos aí pioneiras que quebraram esta barreira da mulher no futebol, mas quando eu iniciei ainda sentia bastante preconceito, muito mais do que hoje. Hoje eu acho que a mulher é muito mais aceita, a mulher conquistou o seu espaço no futebol, na arbitragem, eu não tenho problema em nenhum jogo que eu vá com preconceito.

I.M. – O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

R.B. – Os fatores motivacionais eu diria que são o amor ao futebol, o amor à arbitragem, o apoio da família, o apoio dos amigos, das pessoas que fazem parte da sua vida, esses fatores te motivam, te impulsionam, porque a arbitragem não é uma vida fácil. Você tem que se dedicar, você tem que se abdicar de muitas coisas, até mesmo de momentos familiares importantes, como casamento, batismo, um aniversário, alguns amigos não entendem quando você falta ao aniversário deles. Então assim, você precisa do apoio das pessoas que você ama e que te amam e você tem que amar a arbitragem. Eu acho que não tem motivação melhor do que você fazer o que você ama. E como eu faço o que eu amo, essa é a minha maior motivação.

I.M. – Você enfrentou dificuldades quando iniciou sua atuação?

R.B. – Na verdade os árbitros enfrentam dificuldades até hoje, não é? Por mais que nós tenhamos agora a lei sancionada pela presidente Dilma, em 2013, 10 de Outubro de 2013, a lei nº 12.867, que profissionaliza, que regulamenta a profissionalização de árbitros, a gente ainda tem muitas dificuldades enfrentadas, não é? Você tem que se abdicar de muitas coisas, você não é um profissional, você conforme você faz jogos, se você não faz jogo você não ganha. Se você se lesiona você fica sem jogo, se você não passa em um teste físico, ou reprova em uma prova teórica você fica sem jogo. Então nós temos ainda... enfrentamos muitas dificuldades, não é um meio fácil, que está sendo mudado com esta lei. O presidente, o Arthur Alves Júnior, do Sindicato, presidente do sindicato agora, ele está batalhando, batendo o martelo para poder realmente regulamentar, e o árbitro se tornar um profissional da arbitragem. Mas as dificuldades ainda são grandes, não é? Você arca com o seu treinamento, você arca com a sua alimentação, você arca com as suas despesas se você se lesiona, então é difícil. Mas quando você gosta, você vai em frente.

I.M. – Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

R.B. – Eu sou árbitra assistente.

I.M. – Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF<sup>1</sup>, ASP-FIFA, FIFA<sup>2</sup> ou Federação Estadual)?

R.B. – Hoje eu faço parte do quadro da CBF.

I.M. – Qual foi o período em que você arbitrou?

R.B. – Eu estou no profissional, eu estou atuando pela Federação Paulista desde 2006.

I.M. – O que te fez permanecer como árbitra/assistente de futebol?

R.B. – É o que me faz permanecer até hoje, o amor pela arbitragem, a paixão pelo que você faz. O friozinho na barriga cada vez em que você vê o nome na escala, cada vez que você

---

<sup>1</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

ouve o hino nacional em um jogo. Cada vez que você vai treinar, estudar, se aprimorar para ir para o jogo, a paixão, o amor pela arbitragem é o que me faz permanecer até hoje.

I.M. – Depois que você se inseriu, quais as principais dificuldades que você enfrentou/enfrenta na arbitragem?

R.B. – Olha, a arbitragem eu falo que é mais fácil você chegar do que você se manter. Então na hora em que você chega no profissional, você tem que treinar muito mais, você tem que estudar muito mais, você tem que se dedicar muito mais. Porque nós temos muitos árbitros bons, e não tem infelizmente, espaço para todos em todas as categorias. Então para você se manter lá, fica muito mais difícil. Mas com amor, com paixão você faz isso e tira de letra.

I.M. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

R.B. – A minha família tem participação fundamental, extrema, em todo o momento. Me apoiam em cada teste físico, torcem junto em cada prova teórica, em cada jogo, acompanham, torcem. Se podem ir ao estádio assistir ao jogo eles vão, se podem assistir pela televisão eles assistem. Não me cobram a ausência nesses momentos importantes, que eu falei que o árbitro fica muito ausente, não é? O futebol é o lazer das pessoas, então você está ausente no momento de lazer das pessoas, porque você está trabalhando. Então quando falta em um casamento, quando falta em um aniversário, quando você não pode estar presente nesses momentos importantes, a minha família sempre me apoiou, nunca me cobrou. E é uma peça chave, fundamental, nessa minha vida.

I.M. – Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

R.B. – Em nível de Federação Paulista, eu cheguei à série A1, não é? Que é o topo. Então atuei em todos os campeonatos da Federação Paulista. Em nível de CBF, até hoje eu atuei no Brasileiro Feminino, Copa do Brasil Feminino, Copa do Brasil sub-17 e Copa do Brasil sub-20.

---

<sup>2</sup> Federação Internacional de Futebol.

I.M. – Por quais federações e ligas arbitrou, incluindo amador?

R.B. – Pela Federação Paulista de Futebol e aqui eu trabalho pelo Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo, quando eu faço jogos amadores.

I.M. – Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

R.B. – Olha, tem alguns nomes aí. Mas primeiro a minha família, não é? Se eu for citar o nome de todos da minha família aqui eu vou ficar horas, mas não tem como negar que a minha mãe, meu irmão, meus tios, meus primos, minhas tias, meus sobrinhos, fazem parte de tudo isso, dessa minha carreira. Eu não tenho como negar que o Arthur Alves Júnior sempre me apoiou, acompanha minha carreira desde o começo e sempre me deu oportunidades. Eu não tenho como falar que o nosso presidente da comissão da Federação, não é? Comissão de árbitros, o Coronel Marinho também é uma pessoa de extrema importância nessa minha carreira. E alguns árbitros assistentes que você olha, que você se inspira, os nossos instrutores, todos eles são fundamental para que eu chegasse aonde eu cheguei.

I.M. – Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

R.B. – Eu acho que amor pelo que você faz, amor à arbitragem, apoio da família. Reconhecimento dos seus dirigentes. E dedicação, abdicar, vontade, correr atrás daquilo que você quer, não desistir nunca por mais difícil que seja. Porque a vida de árbitro não é fácil, mas não desistir nunca. Quando a gente fala tudo isso, eu acho que se resume na palavra “amor pela arbitragem”.

I.M. – Você teve algum árbitro ou árbitra como referência para sua atuação?

R.B. – Para iniciar a carreira de árbitra não. Ao longo da carreira, sem dúvida. Você vai olhando alguns árbitros, no meu caso, assistentes, não é? E você vai se identificando, você falando é nele o que eu quero, é nele que eu me inspiro, é como ele que eu quero ser. Então

assim, duas pessoas que eu acompanhei muito assim, que eu vejo como excelentes profissionais tem vários, mas vou citar dois nomes: o Vicente Romano Neto e um outro que eu também acho excelente assistente, em que me inspiro, é o Carlos Nogueira Júnior.

I.M. – Por que eles foram referências para você?

R.B. – Porque eu os vejo como assistentes completos. Completos em que sentido? São assistente que não dominam somente a regra 6, que é o Assistente e a regra 11, que é o Impedimento. São assistentes que dominam as regras de futebol. Dominam a regra 5, do árbitro, dominam a regra 12 de faltas e incorreções, então o que eles podem realmente auxiliar os árbitros nesta parte eles auxiliam. Então eu os vejo como assistentes completos.

I.M. – Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

R.B. – É aquilo que eu já falei um pouquinho, não é fácil você conciliar, não é? O futebol é o momento de lazer das pessoas. Então, por exemplo, eu sou formada em Administração de Empresas, tenho pós em Finanças, me graduei agora novamente em Pedagogia, então eu tenho duas faculdades, uma pós e não consigo conciliar estes meus trabalhos, essas minhas formações com a arbitragem. Porque a arbitragem realmente toma bastante tempo. Então em relação à profissão, desde que eu entrei na arbitragem, eu não consigo conciliar. Em relação aos momentos de lazer e de festas, de socialização, quando a gente não está escalado a gente participa. Quando a gente está escalado a gente manda um abraço, um beijo, e fica longe (risos).

I.M. – Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

R.B. – A arbitragem nos traz muitas histórias, viu? Muitas histórias, desde o momento em que você vê o seu nome na escala até entregar toda a documentação, voltar para casa, a gente tem muitas histórias. Mas uma história assim, um jogo que foi muito pegado, muito pegado mesmo. Foi assim: um tio meu tinha acabado de falecer um dia antes do jogo, eu não estava escalada, o Arthur pela Federação me ligou, falando assim: “Eu sei que você está saindo do velório do seu tio, mas eu preciso de você em um jogo amanhã. Você

pode?”. E eu falei assim: “Eu posso.” Eu fui para um jogo que era nada mais, nada menos que Rio Branco e União Barbarense. Só que eu não sabia, não tinha noção do que significava esse derby.

I.M. – Era o Rio Branco de Americana?

R.B. – Rio Branco de Americana e União Barbarense. Eu não tinha noção. Eu ainda estava um pouquinho desorientada com que tinha acontecido. Chegando ao estádio no dia seguinte, eu percebi o que significava aquele jogo. Aí o Rio Branco já lá e o União Barbarense me chega ao jogo faltando 45 minutos para começar o jogo. O 4º árbitro perguntou sobre os uniformes, um iria de branco e o outro iria de preto. Aí subimos, não é? Aquela correria, por causa da documentação que o União Barbarense demorou a entregar. Aí subimos para o campo de jogo, havia o Rio Branco de branco e, de repente o União Barbarense me sobe todo de branco também e entra no campo todo de branco. E quem tinha que trocar o uniforme era o União Barbarense, e o União Barbarense não queria trocar o uniforme. E os dirigentes dos dois times quase se pegando dentro do campo e aquela loucura para controlar tudo aquilo e aí tive noção do que era. Isso foi antes do jogo, então dá para ter uma noção do que foi o jogo. O jogo atrasou mais de 20 minutos, então dá para ter noção do que foi o jogo. Mas esse jogo assim me marcou muito, mas na arbitragem muitas histórias, de passar, de você estar indo com o carro da Federação para os jogos e de repente, o motorista passar no “sem parar” e o “sem parar” não abrir e aquela cancela bater no vidro do carro e todo mundo rolar de susto, todo mundo pular de susto. Você tem, aí tem muitas histórias, muitas, muitas. Tem as coisas que você escuta, tem ambulância que não chega, tem policiamento que não vai, tem médico que não está, nossa tem de tudo. Tem a cantada do jogador, que faz parte, não é? Jogador que fala, olha para você e fala assim: “Eu não vou jogar, eu vou ficar aqui parado olhando para você!”. Então tem de tudo, tem muitas histórias.

I.M. – Renata, o que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

R.B. – Muita coisa. A arbitragem me ensinou a correr atrás dos meus sonhos, a ser determinada, a ser perseverante, a saber que você cai mas você tem que levantar, me

ensinou a trabalhar sob pressão, porque é uma pressão absurda você ser árbitro, me ensinou a trabalhar em equipe, me ensinou a amar o que eu faço. A arbitragem me ensinou muitas coisas não só na vida profissional, mas na vida pessoal.

I.M. – O que significa para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

R.B. – Para mim significa uma difícil tarefa, um sonho realizado, mas uma difícil tarefa. Porque como eu já citei os motivos anteriormente, não é fácil você ser árbitro de futebol no Brasil, onde você tem que se dedicar muito e ainda não tem o reconhecimento devido. Mas é maravilhoso você trabalhar com aquilo que você gosta.

I.M. – Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

R.B. – Eu digo que quando eu pensei em ser árbitra e fiz o curso, o objetivo que eu tinha eu atingi, que era chegar em uma primeira divisão do Campeonato Paulista. E eu já fui, além disso, eu cheguei ao quadro da CBF. Quando você está dentro, porque aí você conquista esses sonhos, você cria novos sonhos. Então eu ainda tenho o sonho de fazer um clássico, que por mais que eu já tenho feito jogos dos times grandes em São Paulo, Palmeiras, Santos, Corinthians e São Paulo, ainda não fiz um clássico, fazer uma final de Campeonato Paulista, fazer um jogo do Brasileiro. Então você acaba tendo outros sonhos, mas o meu sonho de quando eu entrei no curso de árbitros da Federação Paulista de Futebol, esse eu realizei.

I.M. – Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

R.B. – Olha, eu vou falar até por esse ano de 2015, onde eu fiz jogos do Campeonato Paulista, fiz dois jogos do Corinthians, fiz um jogo do Palmeiras, fiz o jogo Ponte Preta e Santos, ontem mesmo eu fiz o jogo-treino Palmeiras e Portuguesa e todos os jogos que fiz esse ano eu tenho que falar que o respeito, a aceitação tanto por parte dos jogadores, da comissão, de torcedores, de repórteres é muito grande. O respeito e a aceitação, pelo menos comigo é enorme. Eu tenho só a agradecer pelo jeito com que eles têm me tratado.

I.M. – Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

R.B. – Olha, hoje o que eu vejo, posso falar por mim e por algumas colegas que eu observo. É aquilo que eu falei, a mesma coisa, antes eu via mais preconceito, hoje eu vejo com respeito. Eu concordo que quando um homem erra, eles não colocam tanto em evidência quanto quando uma mulher erra. Se os homens cometem erros, de repente eles não falam tanto. Às vezes quando uma mulher comete um erro, às vezes eles falam mais. Mas eu acho que não dá para generalizar, não dá para generalizar. A mídia, no geral, o que precisa, às vezes você vê muitas pessoas comentando sobre a arbitragem, mas sem o conhecimento da regra, e sem a experiência para poder falar sobre aquele assunto. E isso sim é triste. Porque eu vejo lances na mídia e isso assim me entristece demais, que eles param, eles mostram o replay, eu estou vendo que o árbitro acertou no lance e a mídia está lá falando “Nossa, ele errou!”, e eu estou vendo que ele acertou e eles estão falando que ele errou. Então assim eu acredito que precisa na mídia, de quem realmente tenha conhecimento para falar de arbitragem. Porque eu não sou jogadora, então como que eu vou falar de um jogador, eu não sou repórter. Qualquer citação que eu fizer é de uma pessoa leiga sobre o assunto. Então no sentido da arbitragem de futebol, eu acho que a mídia tinha que se preparar mais para poder falar a respeito.

I.M. – Como é a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

R.B. – A rotina é grande, constante, é diária. O dia em que você não tem jogo você está treinando, é treino físico, é treino teórico, é você conhecer regras, é você assistir jogos, é você acompanhar os lances, discutir, debater lances para você se aprimorar. É o treinamento físico constante, para você poder ter o auge do seu físico, não só para poder ser aprovado nos testes físicos, mas conseguir acompanhar os jogadores dentro de campo. Eu percebi nesse Campeonato Paulista a evolução física dos jogadores, o jogo se tornou muito mais rápido e se você não está bem condicionado, isso vai interferir claramente nas suas decisões.

I.M. – Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

R.B. – Olha, hoje nós infelizmente não temos tantas árbitras assim para comparar. Mas eu já pude atuar com algumas árbitras que não deixam nada a desejar para um homem. Eu vejo, na verdade assim, eu falo o seguinte sempre “Você tem que analisar o profissional pela capacidade, pela competência, pelas condições dele, independente de sexo, de altura, de tamanho, de peso, de beleza.” Tem mulheres competentes para estarem no futebol, assim como tem homens competente para estarem no futebol. O futebol tem lugar para ambos. Então eu vejo que tem que ser analisado pela competência de cada um e não pelo sexo.

I.M. – O que a sua geração de árbitras deixa para as gerações seguintes?

R.B. – Eu acho que a gente conseguiu abrir um pouco mais o caminho que as nossas antecessoras tinham conseguido, não é? Nós temos aí pessoas que foram pioneiras, a Léa, a Sílvia Regina<sup>3</sup>, a Ana Paula<sup>4</sup>, a Aline<sup>5</sup>. Nós temos aí mulheres que abriram espaço para nós e a nossa geração, a minha geração atual, eu acho que a gente fez por merecer para manter, para a mulher realmente mostrar a sua capacidade no futebol, se consolidar no futebol e seguir a diante sem dever nada para ninguém.

I.M. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

R.B. – Queria agradecer a oportunidade de falar sobre arbitragem, a arbitragem como eu já disse durante a entrevista é algo que eu amo. Queria parabenizar pelo seu trabalho, em mostrar para as pessoas o que é a arbitragem feminina, o que é a mulher no mundo do futebol, que não é fácil, mas é bom demais. Então obrigada pela oportunidade, pode contar comigo e que as mulheres que desejam entrar no futebol, que elas não desistam, que elas saibam que não é uma vida fácil, não adianta cair de paraquedas no futebol, entre no

---

<sup>3</sup> Sílvia Regina de Oliveira.

<sup>4</sup> Ana Paula Oliveira.

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação.

futebol porque você ama. Se você entrar por outros motivos, você não fica. Mas se você amar, entre, vá em frente, se dedique que você irá realizar vários sonhos.

[FINAL DA ENTREVISTA]